

MITO E METAMORFOSE

O caso de Vitória

Graciela René Ormezzano*

Resumo: Trata-se de um estudo de caso cujo objetivo consistiu em investigar a significação da oficina de educação estética realizada num hospital psiquiátrico. O trabalho de grupo esteve focado em atividades arteterapêuticas que incluíram a pintura, a modelagem em argila, a reciclagem de papel, a gravura e o desenho. Uma das internas foi escolhida para o estudo pelo critério de assiduidade. Utilizaram-se dados visuais compostos pelas imagens criadas na oficina e o diário de campo. A metodologia foi de cunho hermenêutico simbólico, ancorada na teoria do imaginário (Durand, 2001). A trajetória do texto aborda a descrição do fenômeno, conforme se mostrou ao longo da oficina, somado àquilo que foi percebido pelos componentes do grupo, na tentativa de compreender o processo vivenciado, contemplando não só os aspectos manifestos da dependência ou do abuso de substâncias psicoativas, mas também seus aspectos saudáveis.

Palavras-chave: educação estética, arteterapia, dependência química

MYTH AND METAMORPHOSIS: THE CASE OF VITÓRIA

Abstract: This is a case study whose objective was to investigate the significance of an aesthetic education workshop held in a psychiatric hospital. The working group focused on art therapy activities that included painting, clay modeling, paper recycling, printmaking and drawing. One woman at the hospital was chosen, because she was the only one to attend all meetings. Visual data were used consisting in images created in the workshop and a field diary. The methodology was symbolic hermeneutic, anchored on the theory of the imaginary (Durand, 2001). The trajectory of the text describes the phenomenon, as shown throughout this workshop, in addition to what was perceived by members of the group as an attempt to understand the process experienced, covering not only the manifest aspects of dependence and substance abuse, but also their healthy aspects.

Keywords: aesthetic education, art therapy, chemical dependency

* Universidade de Passo Fundo (Passo Fundo/Brasil).

MYTHE ET MÉTAMORPHOSE: LE CAS DE VITÓRIA

Résumé: Cette étude de cas a pour objectif d'étudier l'importance d'un atelier de formation esthétique réalisé dans un hôpital psychiatrique. Le travail de groupe s'est focalisé sur les activités d'art-thérapie qui comprenait peinture, modelage d'argile, papier recyclé, gravure et dessin. Pour cette étude, notre choix s'est porté sur l'une des patientes pour son assiduité. Les données recueillies sont composées d'images issues de l'atelier et de notes de terrain. La méthode herméneutique était de type symbolique, basée sur la théorie de l'imaginaire (Durand, 2001). La trajectoire de notre texte traite de la description du phénomène, tel qu'il s'est développé tout au long de l'atelier, ainsi que de ce qui a été perçu par les membres du groupe afin de comprendre le processus tel qu'il a été vécu, couvrant non seulement les aspects manifestes de la dépendance ou de la toxicomanie mais aussi ses aspects les plus sains.

Mots clés: éducation esthétique, art-thérapie, la dépendance chimique

Introdução

O *Relatório Mundial sobre Drogas* (UNODOC¹, 2012) informa que o seu consumo, no Brasil, é mais difundido na região Sul, onde a renda *per capita* é mais elevada. O uso ilícito de drogas entre mulheres corresponde a um terço da prevalência entre homens, e isso tornou-se mais do que um problema da área jurídica criminal; transformou-se num problema para ser resolvido pela saúde pública, uma vez que a dependência de drogas é causa de frequentes internações nos hospitais psiquiátricos.

A função do hospital psiquiátrico, que foi o campo desta investigação, é prestar um atendimento multidisciplinar de saúde mental nos episódios agudos de transtornos mentais e dependências químicas². Localizado numa cidade do norte do Rio Grande do Sul, ele faz parte de um complexo hospitalar que conquistou a certificação de Hospital de Ensino e procura contribuir com a inserção dos internos no contexto social. No intuito de colaborar neste tempo-espaço, organizamos uma oficina para proporcionar aos pacientes uma experiência educativa estética com atividades arteterapêuticas.

A educação estética é concebida, neste texto, como aquela que prioriza a imaginação; o jogo; as brincadeiras; as expressões, que vão desde o *design* de objetos até a arte de rua; o espectro estético do cotidiano, que considera todas as variáveis da expressão artística, não, necessariamente, a que se encontra nos museus ou no mercado de arte, mas a arte *naïf*, a *brut*, ou a das crianças (Maffesoli, 1995).

¹ *United Nations Office on Drugs and Crime.*

² Estados mentais e/ou físicos que resultam da interação entre um organismo vivo e uma droga psicoativa, ou seja, qualquer substância química que modifica as funções do sistema nervoso central. A dependência implica na compulsão de experimentar o efeito da droga ou evitar o desconforto causado pela sua ausência (Dalgarrondo, 2000).

Arteterapia é uma área transdisciplinar que promove a interface da arte, da educação, da psicologia e da mitologia com os mais diversos sistemas de crenças, resgatando, por meio das artes visuais, a possibilidade de utilizar recursos expressivos e criativos para auxiliar as pessoas a contatarem sua interioridade (Ormezzano, 2012).

A oficina foi desenvolvida ao longo de seis encontros, cada qual com duração de duas horas, duas vezes por semana, tendo em vista que os participantes não podem ficar mais de 15 dias hospitalizados, exceto quando solicitam internação por um tempo maior.

O nosso objetivo consistiu em investigar a significação da oficina de educação estética realizada nesse hospital com pessoas que possuíam diversas síndromes relacionadas ao abuso e à dependência de substâncias psicoativas. Na instituição, foi elaborado um plano de intervenção pela equipe técnica, incluindo a oficina de educação estética com atividades arteterapêuticas, da qual os internos selecionados por essa equipe participaram de forma grupal.

O trabalho de grupo esteve focado em atividades que incluíram a pintura, a modelagem em argila, a reciclagem de papel, a gravura e o desenho. Assim, justificamos a utilização da educação estética com atividades arteterapêuticas porque, quando aplicadas ao dependente químico, estas podem auxiliá-lo a encontrar um novo significado para sua vida.

Esse grupo era composto por quatro homens e duas mulheres, todos adultos jovens, com idades entre 29 e 34 anos, apresentando diferentes níveis de dependência química. Uma das internas foi escolhida para este estudo por ter sido a única a participar de todos os encontros, uma vez que os demais precisaram se ausentar em algum momento, seja por ganhar alta, consultar o médico ou por receber visita da família.

Optamos pelo estudo de caso, de abordagem qualitativa, conforme sugere André (1995). Para a coleta de informações, foi realizada uma oficina, cujas observações foram registradas num diário de campo. Utilizamos dados visuais compostos pelas imagens criadas na oficina e sobre os quais realizamos a Leitura Transtextual Singular, proposta por Ormezzano (2009), que considera os aspectos compositivos da linguagem visual, a simbologia espacial, a simbologia das cores, as referências do imaginário e, finalmente, a síntese da imagem. Essa leitura é de cunho hermenêutico simbólico, porque se ancora na teoria do imaginário formulada por Durand (2001), sendo o imaginário compreendido como reduto transcendental que permite a simbolização da realidade, pela evocação das imagens visuais arquetípicas, e utiliza a arte como linguagem para comunicar tais conteúdos internos.

A trajetória do texto aborda a descrição do fenômeno, conforme se mostrou ao longo da oficina, somado àquilo que foi percebido por nós e pelos demais componentes do grupo, na tentativa de compreender o processo vivenciado, contemplando não só os aspectos manifestos da dependência ou do abuso de substâncias psicoativas, mas também seus aspectos sádios.

Nascimento, morte e renascimento

A mulher selecionada, com 32 anos de idade, é separada e tem duas filhas – uma mora com o ex-marido e a outra, com a avó materna. Possui curso superior incompleto e trabalhou em outro Estado durante dois anos, tendo abandonado estudo e emprego. Vitória será o seu pseudônimo neste texto, para atender aos requisitos éticos de manter em sigilo seus depoimentos. Ela é objetiva sobre as dificuldades enfrentadas com diferentes tipos de drogas psicoativas³. Revela um sofrimento bastante consciente, porque pediu auxílio em várias oportunidades para desintoxicação física e suporte psicológico. Quando a encontramos, estava na oitava internação. Relatou que fuma maconha desde os quinze anos, cocaína desde os vinte, o *crack* experimentou aos vinte e dois, e, após três anos sem drogas, teve uma recaída.

Veio para a oficina com bom humor, mostrando-se muito ansiosa e inquieta, com a queixa de que as drogas tinham provocado problemas de pele e relatando os transtornos vividos na dimensão familiar, mas, especialmente, por sentir que a dependência a incapacita para o estudo, o trabalho e o convívio com as filhas. Consideramos relevante o fato de ter sido a participante mais assídua, não apresentando dificuldades em expressar seus sentimentos e ideias e oferecendo boa contribuição ao grupo formado para essa oficina em particular.

Sobre a família, é interessante destacar que há certa negligência por parte dos componentes do grupo familiar originário e também histórico parental de abuso de álcool e drogas. Isso pode ter contribuído no caso de Vitória, mas, de acordo com Dalgalarro (2000), o início do abuso de drogas para adolescentes pode estar relacionado a diversos fatores:

curiosidade, excitação de estar fazendo algo ilegal, secreto, pressão dos companheiros, aceitação do grupo, sensação de fazer parte de uma subcultura, expressão de hostilidade e independência em relação aos pais e professores, para reduzir sensações desagradáveis (tensão, ansiedade, solidão, tristeza, sensação de impotência, etc.). (p. 213)

Ao longo dos encontros, verificamos que muitos desses fatores podem ter contribuído na vida de Vitória, fazendo parte do que foi simbolizado nas imagens por ela produzidas, por exemplo, «viver no submundo», «raiva dos pais que são também dependentes, a mãe alcoólatra e o pai usando todo tipo de droga», «tristeza por um amor frustrado» e «falta de confiança nos homens para estabelecer uma relação amorosa verdadeira».

No primeiro encontro, interferimos o mínimo possível, na tentativa de conhecer nosso público alvo. Os membros do grupo conviviam pouco, por estarem internados em andares

³ Algumas drogas psicoativas utilizadas pela entrevistada são: álcool, maconha, cocaína, café, chá, nicotina, *ecstasy*, *crack*, *baxixe*, *oxi*, etc. Nunca experimentou drogas injetáveis.

diferentes, sendo o de baixo adjudicado aos homens e o de cima, às mulheres. A oficina foi realizada no espaço destinado à terapia ocupacional.

Então, começamos por propor uma atividade de recorte e colagem, buscando imagens de revistas que seriam utilizadas numa composição sobre papel *kraft*. Durante a colagem, os participantes falaram da rotina do hospital. Vitória não conseguia ficar sentada, trabalhava em pé, estava verborrágica e inquieta. Provavelmente, sinais da síndrome de abstinência ou de retirada de drogas, que, segundo Dalgalarondo (2000: 212), são: «ansiedade, inquietação, náuseas, tremor, sudorese, podendo, nos casos muito graves, ocorrer convulsões, coma e morte».

No segundo, Vitória estava alegre porque havia recebido visita da mãe, mas a ansiedade e a inquietude permaneciam. Nesse dia, a proposta foi modelar em argila, tentando expressar como estavam se sentido naquele momento. A outra participante da oficina, que chamaremos Ema, resolveu fazer uma borboleta. Vitória decidiu fazer o mesmo, e entre ambas criou-se um clima tenso, porque tiveram a mesma ideia. Então, nós comentamos que cada uma iria se expressar de um modo diferente, apesar de terem escolhido a mesma forma. Diante disso, Ema falou: «Nós somos duas borboletas». Logo, as duas riram do comentário. E, finalmente, Vitória mudou de ideia, desistiu de fazer a borboleta para modelar um anjo, logo mais, abandonou essa segunda escolha, porque não expressava a realidade de como estava se sentindo e optou por uma terceira: a prisão. Em razão dessa escolha, comentou como se sentia na situação de dependente química: «é como uma prisão porque mesmo que parasse de usar drogas iria sentir um vazio». Ferrer (2001) teve a mesma compreensão, ao realizar uma oficina de modelagem em argila com dependentes químicos em Valencia, Espanha. Segundo ele:

Deberíamos entender ese encierro interior del drogodependiente como vinculado a una dependencia que sufre su propia mente y, como reflejo, finalmente también su cuerpo; limitando su comportamiento y haciéndolo girar en torno a algo llamado «dosis», y todo lo que ésta conlleva – carente o no de ella. (p. 75)

Percebemos, na escolha de Vitória, que os mitos são padrões arquetípicos da consciência. A ideia elementar que emergiu sob a forma do encarceramento, de algo que lhe cerceia a liberdade, do impedimento intransponível pode apresentar-se sob diversos signos e símbolos em diferentes mitologias. Campbell (2004: 97) afirma: «O que deve acontecer é que alguma instrução mitológica seja acrescentada à nossa liberdade para que o indivíduo encontre seu próprio mito, seu significado particular nessa liberdade». Assim, Vitória precisa descobrir esse aspecto mítico que protagoniza para vencer o desafio que o próprio mito fatalmente lhe impõe.

O autor citado defende que cada ser humano precisa encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida, pois os mitos possuem quatro funções: 1) a função mística, ao tomar consciência do mistério que subjaz a todas as formas; 2) a cosmológica, mostrando

a forma do universo através da ciência, mas na qual o mistério se manifesta; 3) a sociológica, como suporte de determinada ordem social; e 4) a pedagógica, que faz que os mitos nos ensinam a viver a vida em qualquer situação (Campbell, 1994).

Após concluírem a primeira forma tridimensional modelada, solicitamos que realizassem outra, a qual mostrasse como gostariam de se sentir. Vitória modela um ovo com pequenas rachaduras, mostrando que é um ovo chocado, próximo ao momento do nascimento da ave. Mas esse é um ovo de argila, firme sobre uma base. Nesse momento, ela comenta que esteve em fazendas de recuperação no interior e falou um pouco sobre suas experiências. O ovo para ela significava o desejo de nascer de novo, numa vida sem drogas, mas que ao sair do hospital ansiava voltar para o interior, porque lá se sentiria mais segura. Chevalier e Gheerbrant (2002: 674) afirmam que ovos de argila «foram interpretados como emblemas da imortalidade e símbolos de ressurreição».

A modelagem em um material como a argila permite que o autor mude de ideia, volte ao início do trabalho e refaça a imagem, tantas vezes quantas forem necessárias, até ficar satisfeito com o produto da criação. A argila provoca experiências viscerais, que o sujeito pode considerar inadequadas, desprezíveis ou inaceitáveis, conforme sua própria dimensão sociocultural. Então, o símbolo do ovo não se refere a um nascimento, mas a um renascimento que surge depois do caos, como tentativa de reorganização.

No terceiro encontro, Vitória ajuda a pegar os materiais, que consistem em folhas de papel *Canson*, tintas guache e pincéis, para fazer uma pintura sem temática pré-definida. Ela diz que deixara de fumar para ir à oficina, porque trocara o cigarro por algo melhor. Comenta que está ansiosa pelo atendimento.

A entrevistada começa pintando uma árvore, depois um galho, e sobre ele faz um ninho onde aparecem seis ovos. Na família originária de Vitória, há seis pessoas, todas dependentes químicas: o pai, a mãe, o irmão mais velho, os dois irmãos mais novos e ela.

Alguns aspectos sobre a relação com o pai foram comentados no primeiro encontro, a mãe é alcoolista, o irmão mais velho usa cocaína e álcool e os dois mais novos, somente álcool. Ela conta que está levando as filhas a psicólogos para fazerem um tratamento preventivo no que se refere a uma possível predisposição à dependência química, diante desse quadro familiar. Acrescenta que experimentou *oxi*, mas que não gostou do efeito; também *baxixe*, por ser semelhante à maconha, porém mais forte e «saudável»⁴. O sofrimento é tanto que já tentou se suicidar com ingestão excessiva de remédios.

⁴ Este comentário, provavelmente, foi feito porque o *baxixe* é produzido artesanalmente, sem componentes químicos, diferentemente do *oxi*, que é uma mistura da pasta-base da cocaína com querosene e cal virgem, muito mais nocivo que o *crack*.

Um dos ovos se encontra no fundo do ninho, e os outros cinco estão aparentes; destes, quatro estão pintados na cor ocre e um deles, em amarelo claro, mais luminoso, como o que se encontra ao fundo, mas se diferencia por ser o primeiro que irá descascar. Então, ela pergunta: «Um ovo pode descascar antes que os outros?».

Pela pergunta que nos faz, entendemos que ela tem esperança de ser a primeira da família a se recuperar. Vitória não pinta uma árvore completa, mas um fragmento, que sugere um pé muito frondoso, com um tronco forte. Essa árvore, para ela, significa «vida, frutos, resistência». Segundo Chevalier e Gheerbrant (2002), a árvore é símbolo vital do aspecto cíclico e dinâmico da evolução cósmica: vida, morte e renascimento.

Enquanto pintava o ninho, usou um tipo de pincel grosso e outro mais fino para definir detalhes e contornos dos ovos. Bachelard diferencia o «ninho vivido», vazio, do «ninho vivo», habitado. Assim, o ninho velho é uma coisa, entra na categoria dos objetos; entretanto, o ninho real é a morada do pássaro. Não vemos o pássaro na pintura, mas ele se encontra tácito na presença de sua criação: os ovos. Um ovo foi chocado, indicando a presença do calor, do repouso, da tranquilidade do lar; evoca o retorno do pássaro, marca «infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências» (Bachelard, 2000: 111).

Vitória comenta feliz que, no feriado que se aproxima, a filha virá visitá-la, enquanto usa um verde mais claro para aumentar a frondosidade da árvore. Sobre a relação entre ninho e árvore, o autor referido afirma que nos comprazemos em ver o mimetismo provocado pelo ninho e a árvore para disfarçar-se em meio à vida vegetal. «O ninho é um buquê de folhas que canta. Participa da paz vegetal. É o ponto no ambiente de felicidade das grandes árvores» (Bachelard, 2000: 115). Na contemplação do ninho, podemos observar uma oportunidade para o refúgio, o repouso, a confiança na casa dos nossos sonhos; é onde encontramos a segurança daquilo que nos pertence. Ainda, mais adiante, Bachelard (2000: 115-116) infere:

Tanto o ninho como a casa onírica [...] não conhecem a hostilidade do mundo. A vida começa para o homem com um sono tranquilo e todos os ovos dos ninhos são bem chocados. (...). O mundo é um ninho; um imenso poder guarda os seres do mundo nesse ninho.

Esse poder protetor foi mencionado por Vitória no primeiro encontro e simbolizado numa colagem através de um anjo. Ela sente que, se for ao interior por um tempo, aonde poderá levar a filha, estará mais protegida. E segundo ela, «o ninho de pássaros com ovos dentro representa a nova vida que irá nascer». A entrevistada está ciente, contudo, que somente com auxílio de forças sobrenaturais não conseguirá recuperar-se e que precisa, também, colaborar nesse processo de recuperação. Então, sai da sala de terapia ocupacional, vai até seu quarto e volta

para nos mostrar um caderno onde tem colados os doze passos de Narcóticos Anônimos (NA) para serem realizados «só por hoje». Nesses passos, os membros do grupo de apoio admitem a impotência perante a adicção, manifestam a crença num *poder superior* que lhes irá devolver a «sanidade», fazem um exame da conduta moral e prontificam-se humildemente a livrar-se «das imperfeições», na tentativa de recuperar os danos causados a si mesmos e a outras pessoas.

Após esse pequeno intervalo, os participantes da oficina sugerem que gostariam de fazer uma técnica híbrida, misturando a pintura e a gravura. Então, colocam tinta guache sem água, bem grossa, nas cores escolhidas no centro de uma nova folha de papel, dobram-na ao meio e a pressionam levemente, como se fosse uma prensa para imprimir a mancha nos dois lados, obtendo, dessa forma, um resultado simétrico e inesperado. Destacamos que a técnica apresenta uma dificuldade de controle bastante grande, o que valoriza o desafio autoimposto pelo grupo.

Assim que chegamos à instituição para o encontro seguinte, Vitória nos encontra nos corredores para contar que, nesses dias em que não nos vimos, «fugiu» do hospital. Foi preciso aumentar a medicação e está temerosa que tal circunstância amplie os dias de sua internação.

Dessa vez, iniciamos o encontro fazendo exercícios respiratórios de distensão, que pressupõem a pessoa vivenciando o estado de consciência hipnagógico. Nesse estado, das quatro funções básicas da consciência predomina a intuitiva, embora atuem, também, as sensações, o pensamento e os sentimentos. As ciências ligadas a esse estado, como a arteterapia, a mitologia, a simbologia e outras, favorecem que o sistema psíquico da pessoa contate o sistema psíquico do Universo (Ormezzano, 2009).

Aproveitando esse momento intuitivo, somente ensinamos a técnica da isogravura⁵, e cada participante opta por um tema livre para expressar-se. Vitória faz um coração com asas. Notamos que o tom da sua conversa mudou, pois nos primeiros dias falava mal de todos os homens, das deceções amorosas, da incompreensão da qual foi ou ainda é vítima, da insensibilidade masculina, e assim por diante. Comenta que fugiu porque foi visitar um amigo, já que não aguentava mais estar no hospital.

Faz uma primeira cópia da matriz de isopor sobre papel sulfite em azul, porque esta cor, segundo ela, «lembra o céu». Quanto à simbologia da cor, destacamos o que diz Portal (1996: 81): «El color de la bóveda celeste, el azul, fue en la lengua divina el símbolo de la verdad eterna; en la lengua sagrada, lo fue de la inmortalidad; y en la lengua profana, de la fidelidad».

Durante a atividade, surge o tema da libido, da necessidade física de manutenção das relações sexuais com parceiros ou parceiras. A questão da fidelidade pode ter aparecido porque

⁵ Técnica de gravura que utiliza o isopor como matriz e canetas para gravar a superfície até conseguir fazer sulcos fundos. Algumas partes podem ser vazadas para incluir mais de uma cor.

Vitória também confessa que o coração surgiu na sua imaginação porque estaria «aberta a novos relacionamentos» e que fazia algum tempo ela havia mudado suas «concepções em relação ao amor». Diz ter visto uma frase no grupo dos NA que chamou sua atenção: «Somos todos anjos com uma asa só; e só podemos voar quando abraçados uns aos outros».

Numa segunda cópia, a entrevistada faz linhas verticais grossas, utilizando as cores verde e amarela, porque «são algumas das cores preferidas», mas refere que ainda está presa no hospital, e o coração é visto por trás das grades. O verde, além da conhecida referência à esperança, também significa regeneração da alma e novo nascimento espiritual e material. O amarelo, na língua profana, é o emblema do amor legítimo e do adultério carnal que rompe os laços do matrimônio (Portal, 1996). Teremos que entender, nesse simbolismo, que nossa entrevistada está tentando romper os vínculos afetivos que ainda a ligam ao seu ex-marido, porque está aparecendo outra figura masculina no seu horizonte passional?

Vitória retoma o tema da prisão, mas há um deslocamento. Anteriormente, referia-se à dependência química como algo que a aprisionava; agora, a prisão é o hospital. Ainda, em alguns momentos, se contradiz, ao observar que dentro do hospital se sente protegida e cuidada, que tem medo da rua, onde estão todos os perigos. Aqui, notamos que Vitória precisa reconhecer que o problema não são as drogas, as pessoas ou a rua, mas, como enfatiza Dahlke (2004: 218), «a falta do vínculo ritual e da postura interior adequada à jornada da vida».

O tema do voo através dos sonhos, das drogas ou do abraço, como neste caso, expressa um desejo de sublimação, de harmonização interior e de ultrapassagem dos conflitos (Chevalier & Gheerbrant, 2002). A imagem traz à tona a necessidade de auxílio do outro, para empreender a ação que Vitória parece não estar conseguindo realizar sozinha. Há algo de infantil, também, no desenho das asas, que mostra uma inadequação para resolver seus problemas enquanto viaja para o céu, intuído, talvez, como um lugar de poder, de serenidade, de paz, da ordem cósmica que se opõe ao caos vivido por ela em sua vida terrena.

Temos, nessa técnica de gravura, uma consigna motora que exige calcular a força suficiente para fazer o sulco, ante a resistência do isopor, e o gesto controlado para resguardar aquilo que é preciso preservar. É necessário, igualmente, antecipar que o que está à direita ficará à esquerda e vice-versa. Vitória demonstra sua inteligência pela forma como resolveu esse problema, evitando pôr elementos diferentes nas laterais com um projeto simétrico.

A simbologia do coração, na nossa cultura, está vinculada ao local do corpo que guarda nossos sentimentos. E, especificamente, o coração com asas de Vitória implica união, duas metades na mesma emoção, sustentadas pela presença do outro. Esse coração possui um grafismo de tipo infantil, com duas câmaras arredondadas se unindo no ponto inferior. Poderá ele significar o início de uma relação amorosa?

No quinto encontro, iniciamos com os exercícios respiratórios, mas, dessa vez, ouvindo

músicas de Namkhy (1999)⁶. Na cosmovisão estética, entendemos que o ser humano é a natureza. Por esse motivo, foram cuidadosamente escolhidas as peças musicais que favoreceriam o sentido de integração com o meio ambiente. Os participantes falaram que gostaram da música e que o instrumental era relaxante.

A seguir, entregamos uma folha azul de papel reciclado, como uma metáfora para significar que todo papel da teatralidade cotidiana pode passar por um processo de alteração para entrar em um novo ciclo. Nas palavras de Maffesoli (2004: 49-50), esse é um «jogo infinito de troca de máscaras, que não pode ser reduzido a uma simples função, a do indivíduo, mas se exacerba nos múltiplos papéis que a pessoa (*persona*) é chamada a desempenhar».

Eles poderiam escolher uma cartolina de outra cor para, junto a esse papel, fazer um mosaico. A princípio, eles escreveriam sobre a folha azul os papéis sociais que não queriam mais assumir em suas vidas. Então, Vitória passa a usar um canetão hidrocor para escrever com traços fortes e comenta que tinha falado sobre os papéis sociais com o psiquiatra do hospital. Depois, a folha azul seria triturada em múltiplos pedaços e colada sobre a cartolina, formando uma imagem que simbolizasse os novos papéis que pretendiam adotar para si.

Ela estranha o fato de que nesse dia, pela primeira vez, está sentada e observa que a causa pode ser o efeito da música, que a faz se sentir tão relaxada. Vitória ouve a música, que a faz lembrar a natureza, e diz que gostaria de estar em meio dela nesse instante. Enquanto isso, desenha um casulo em uma árvore sobre a cartolina amarela. A sonoridade musical pode ter sido vivenciada como uma comunhão do macro e do microcosmo. Entretanto, a animação fervilhante da larva presa no casulo parece ser uma projeção da angústia diante do processo alquímico de mudança. A mudança brusca, animal pode compensar outra similar, a da árvore, a vegetal. «Além disso, a obra alquímica tem como missão essencial revalorizar o que está desvalorizado» (Durand, 2001: 228).

Ao lado da árvore em que está o casulo, Vitória desenha uma grande borboleta vermelha, para depois colar os pequenos papéis azuis triturados, repetindo a combinação de cores do encontro anterior. Chevalier e Gheerbrant elencam diversas interpretações decorrentes da associação da borboleta com a chama, pelas cores e o batimento das asas. Ainda, a silhueta da borboleta é vermelha, cor de fogo. «É assim símbolo do fogo ctoniano oculto, ligado à noção de sacrifício, de morte e de ressurreição» (Chevalier & Gheerbrant, 2002: 139).

Vitória comenta que gostaria de rasgar certos papéis da própria vida e que eles «deveriam ser tão fáceis de rasgar quando o papel reciclado». Enquanto cola os papezinhos, revela que

⁶ Músico multi-instrumentista, pesquisador e terapeuta holístico, compõe peças com instrumentos nativos, com base na musicalidade das viagens xamânicas inspiradas em antigas tradições americanas e asiáticas que «abrem uma porta para o mundo natural».

o pai das suas filhas também é usuário de drogas, e isso a deixa preocupada, pois a filha mais velha mora com ele. Ao terminar seu mosaico, explica que escolheu novamente a imagem de uma borboleta porque

elas passam por transformações, mutações. Não quero mais ser dependente, me importo em demasia com o que as outras pessoas falam, uso drogas às vezes, até para contrariar minha mãe. Quando chego em casa, ela vem me cheirar as mãos para ter certeza que não usei nada. Isso me irrita! Mas não quero mais usar drogas, mentir ou fugir. Então, a borboleta passa por transformações, porque ela se liberta do próprio casulo.

Ainda, para concluir o ritual de transformação, Vitória precisa queimar os pedaços de papel que lhe sobraram, um a um. Emerge, mais uma vez, o elemento fogo, no seu aspecto purificador. Ao finalizar o encontro, ela pede para levar consigo o mosaico.

O mosaico serve para o que na sabedoria popular se exprime como «juntar os cacos». Tentar refazer um quebra-cabeça de frustrações, desafios, afetos quebrados, projetos interrompidos e sonhos em pedaços. Nessa atividade, Vitória tenta identificar os papéis sociais que a incomodam para reordenar sua vida, assumindo novos papéis, novas máscaras que lhe permitam uma constituição pessoal integrada e uma integração social mais plena.

No último encontro, também iniciamos com exercícios respiratórios. Como a música que selecionamos para o encontro anterior havia sido aprovada pelos participantes, desta vez utilizamos outras composições do mesmo estilo de Namkhy e Bollmann (2003). Logo, convidamos os participantes a realizar uma imaginação ativa⁷, a *Jornada do herói ou da heroína* (Ramos, 1997), na tentativa de reconstruírem seu mito pessoal. A cada visualização era realizada uma pergunta, que respondiam através de um desenho.

Três desenhos de Vitória atendem à fenomenologia do redondo, relacionada por Bachelard (2000) com frases de Jaspers, Van Gogh, Bousquet e La Fontaine, que se referem a que a pessoa é redonda ou a vida é redonda:

E essa é a condição para que a fórmula «o ser é redondo» se torne para nós um instrumento que nos permitirá reconhecer a primitividade de certas imagens do ser. Mais uma vez, as imagens da *redondeza plena* ajudam a nos congregarmos em nós mesmos, a darmos a nós mesmos uma primeira constituição, a afirmar o nosso ser intimamente, pelo interior. Pois, vivido do interior, sem exterioridade, o ser não poderia deixar de ser redondo. (Bachelard, 2000: 237)

Isso pode ser visto nas três imagens criadas por Vitória. Ainda, o reflexo da interioridade emerge na imensidão cósmica ao responder as duas primeiras questões, que foram: «De onde eu vim?» e «para onde eu vou?». Na busca por respostas, ela desenha cometas viajando no

⁷ Entende-se como fonte de acesso ao material associativo e ao tempo-espaço em que está contido. Trata-se de uma sequência de fantasias geradas pela concentração intencional (Jung, 2000).

espaço sideral. A respeito da imensidão, Bachelard (2000: 189) infere que, na meditação, podemos renovar as ressonâncias da grandeza e se questiona: «Mas trata-se realmente de uma lembrança? A imaginação, por si só, não poderá aumentar ilimitadamente as imagens da imensidão? A imaginação já não será ativa desde a primeira contemplação?»

Vitória, inicialmente, diz: «não gostei que os primeiros dois desenhos se encaixassem». Em relação ao primeiro, fala que se imaginou como um cometa vagando pelo espaço, vindo de algum lugar desconhecido no infinito cósmico. O desconforto produzido pela significação das próprias imagens pode estar relacionado à intuição do simbolismo do cometa, que marca o trajeto da vida e é para as antigas culturas pré-colombianas e africanas «um mau presságio» (Chevalier & Gheerbrant, 2002).

Quicá, ela se sinta angustiada por reconhecer uma percepção de não pertencimento, por não saber exatamente de onde veio, precisando de um tempo futuro para poder se fixar em algum planeta, embora tenha escolhido a Terra, como vemos na segunda imagem, que é o lugar para onde está indo. Ainda, precisamos ressaltar que a angústia é essencial à violência, promove uma intuição do vazio e persegue o criador. Nesse sentido, Maffesoli (2004: 74-75) aponta: «Trata-se, naturalmente, de um lugar-comum da reflexão sobre a arte, mas não deixa de ser interessante, na medida em que demonstra que tudo que limita, que entrava, em suma, o que violenta, pode levar a uma realização sublime». A angústia antes mencionada por Vitória ante a ausência de drogas que ela denomina de «vazio» pode ser outra maneira de falar da essência da infinitude, ou pode ser um recurso para obter certa serenidade.

A terceira imagem responde à questão «que obstáculos há ou pode haver no meu caminho?» e mostra dois bonecos infantis, um preto, que representa o homem, e um cor-de-rosa, que corresponde à mulher, um pouco distanciados. Podemos dizer que estamos diante de uma *mandala*, palavra que significa a forma circular, em sânscrito, e é utilizada para a meditação. Segundo Jung (2000: 357), conseguimos encontrar, em algumas mandalas, formas pentagonais que podem «ser consideradas como imagens da totalidade «perturbada». Os bonecos no interior do círculo lembram o pentagrama, que simboliza o humano: cabeça, membros superiores e membros inferiores.

A cor da mandala é azul, portanto fria. Nessa «mandala neuroticamente perturbada» (Jung, 2000: 376), Vitória replica o vazio e a imensidão da abóbada celeste dos desenhos anteriores. O homem encontra-se no lado esquerdo, que corresponde ao feminino. A mulher, em tamanho superior ao do homem, se encontra no lado direito, correspondente ao masculino. Haverá uma inversão de papéis na relação dos pais com Vitória? Ela comenta que seu maior obstáculo é o ser humano, porque, quando parava com as drogas, seus pais perguntavam se ela estava «limpa» e ela respondia afirmativamente. Como eles não acreditavam, recaía propositalmente. Do comentário, supomos que, dentre todos os seres humanos, talvez os pais sejam os maiores

obstáculos. Menciona, ainda, que esse aspecto havia sido trabalhado junto com o psiquiatra do hospital, entendendo que essa atitude se tornava uma «codependência».

Todavia, também podemos interpretar a mandala considerando os elementos masculino e feminino de Vitória. Então, pelo simbolismo da cor (Portal, 1996), inferimos que o negro com o qual o *animus* é identificado consistiria em sinônimo de ausência de luz, trevas, luto e morte. No inconsciente da mulher, encontramos aspectos distintos dos encontrados no homem; o *animus* gera opiniões que se fundamentam em sólidas convicções, nada fáceis de sacudir, princípios intangíveis e ideias pré-concebidas. Isso quer dizer que tais opiniões não são pensadas, mas estão fixadas de tal modo que a mulher não se permite duvidar, porque as opiniões do *animus* não são individuais, mas coletivas, inquestionáveis e passam por cima dos julgamentos e das pessoas (Jung, 1990).

Entretanto, sua alma rosada, expressa na figura de uma mulher, pode ser vista como uma luz que, lentamente, está despontando na nossa entrevistada; uma luz que significa o amor e a sabedoria, porque toma esses aspectos da mistura do vermelho com o branco. Tanto a rosa como o cor-de-rosa são símbolos da regeneração (Portal, 1996). Vitória afirmara, durante as atividades realizadas na oficina, que pretendia cortar o círculo de «codependência» em que se encontrava inserida junto a seus pais.

Por último, para responder à pergunta «o que preciso fazer para vencê-los?», nossa entrevistada desenha um caderno aberto, sobre ele estão os bonecos presentes no terceiro desenho e, no meio das folhas, se encontram as mãos das figuras masculina e feminina entrelaçadas. Na folha da esquerda aparece o título: «Planejamento». Assim, expressa uma capacidade organizadora pela razão, sobre o que Vitória diz:

Como uma boa administradora, fiz um planejamento sobre as coisas que não quero mais na minha vida, como drogas, codependência, pessoas de má índole, brigas e agredir a natureza. Agora quero procurar amizades boas, trabalho, ajudar os outros, Deus e fé.

A relevância do desenho reside em ser uma atividade sintética, que relaciona a forma ao movimento e, assim, constitui o objeto. Oferecemos diferentes materiais para a elaboração do desenho, e Vitória optou por materiais secos: lápis de cor e giz de cera. Ambos são de fácil manuseio, e os tons utilizados permitem observar a intensidade do tônus afetivo. Desse modo, tornam-se, segundo Urrutigaray (2003), uma excelente escolha para manifestar os impulsos agressivos.

Vitória deseja mudar, transformar-se, evitar agredir e receber agressões: «Na oficina, pude encontrar respostas para poder ser melhor e viver melhor na sociedade e comigo mesma, porque sinto que mudei, chorei e refleti muito». Para isso acontecer, prometera a si mesma

seguir os doze passos dos NA e se fortalecer, participando das atividades de arteterapia que são oferecidas no Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPS – AD) da cidade, após a saída do hospital.

Considerações finais sobre os mitos de Psique e Ícaro

Ao longo do estudo, constatamos que, apesar do sofrimento típico que a dependência química provoca em sua vida, Vitória mostrou sinais de saúde que merecem ser valorizados. Foi com esse intuito que oferecemos a oficina, não como alternativa de ocupação terapêutica para passar de forma mais leve o tempo de internação, mas, sobretudo, como meio para se perceber aspectos positivos, educativos e saudáveis dessa jovem mulher.

Assim, em cada atividade, muitos aspectos dinâmicos puderam ser observados na personalidade de nossa entrevistada, permitindo, talvez, pensar diferentes opções de tratamento para a dependência e o abuso de drogas psicoativas, somando-se aos tradicionais métodos medicamentosos e psicoterápicos. Sabemos que a arteterapia é utilizada em muitos países da Europa e nos Estados Unidos, mas ainda precisa percorrer um longo trajeto para ser completamente aceita e devidamente respeitada nos hospitais brasileiros.

Durante os exercícios criativos, pudemos verificar que a experiência formativa estética contribuiu com o fortalecimento dos laços grupais. Assim, houve momentos em que foi possível realizar discussões sobre o papel dos internos como cidadãos, com direito a uma vida produtiva e respeito aos seus sentimentos no seio familiar e no amplo espectro social.

Para finalizar, ressaltamos que o ato criador não consiste somente em construir significados; consiste em deixar uma pegada, uma presença profunda, um elo com nossa interioridade. A arteterapia facilita um projeto de transformação do *selfe* um modo de explorar os mistérios da humanidade. Ainda, destacamos que a asa esteve presente em quase todas as imagens criadas, simbolizando a liberação o alívio de um peso, fazendo Vitória se equilibrar entre o mito de Psique e o mito de Ícaro. Psique foi vencida pela curiosidade, que em Vitória se expressa ante o desejo de experimentar todas as drogas, menos as injetáveis. Ícaro foi vencido pelas invenções do pai, que ele testou sem atender às advertências paternas, e simboliza o excesso e a temeridade.

Que mito Vitória precisa assumir agora? Fica o desafio para que, após o reconhecimento dos estados negativos, possa efetuar um movimento em direção à saúde, atravessando a morbidez do passado e renascendo, simbolicamente, como na imagem do ovo que descasca, ou da borboleta que se liberta do casulo. Não há dúvidas quanto ao fato de que os mitos são educativos, pois permitem que a realidade interior aflore e capacitam a pessoa para experimentar uma realidade mais ampla no mundo em que precisa viver.

Correspondência: Rua Ângelo Bortolini, 341, Loteamento Santo Afonso, Passo Fundo, RS, Brasil – CEP 99036-661.

Email: gormezzano@upf.br

Referências

- André, Marli (1995). *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus.
- Bachelard, Gaston (2000). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Campbell, Joseph (1994). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.
- Campbell, Joseph (2004). *E por falar em mitos...: Conversas com Joseph Campbell*. Campinas, SP: Verus.
- Chevalier, Jean, & Gheerbrant, Alain (2002). *Dicionário de símbolos* (17a ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Dahlke, Rüdiger (2004). *Qual é a doença do mundo?: Os mitos modernos ameaçam o nosso futuro*. São Paulo: Cultrix.
- Dalgalarondo, Paulo (2000). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Durand, Gilbert (2001). *As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à arqueologia geral* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferrer, Jorge (2001). Huir o quedarse: La expresión como medio. Experiencia en talleres de arte para reclusos y drogodependientes. In Nadia Collette & Ana Hernández (Orgs.), *Arte, terapia y educación: La creación como proceso de transformación individual y colectiva. Actas das 1as. Jornadas de Arte, Terapia y Educación* (pp. 75-77). Valencia: Universidad Politécnica de Valencia.
- Jung, Carl G. (1990). *Las relaciones entre el yo y el inconsciente*. Barcelona: Paidós..
- Jung, Carl G. (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes..
- Maffesoli, Michel (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Maffesoli, Michel (2004). *A parte do diabo: Resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record.
- Namkhay, Daniel (1999). *Filhos do vento* [CD]. Brasil: MCD label.
- Namkhay, Daniel, & Bollmann, Christian (2003). *A montanha das bênçãos* [CD]. Kauai: Bliss Hill.
- Ormezzano, Graciela (2009). *Educação estética, imaginário e arteterapia*. Rio de Janeiro: Wak.
- Ormezzano, Graciela (2012). Introducción. In Graciela Ormezzano (Ed.), *Marcas en el pecho: Educación y arte con adolescentes en situación de alta vulnerabilidad social* (pp. 13-19). Saarbrücken, Alemanha: Académica Española.
- Portal, Frédéric (1996). *El simbolismo de los colores: En la Antigüedad, la Edad Media y los tiempos modernos*. Palma de Mallorca: Sophia Perennis.
- Ramos, Denise (1997, novembro). *Psicologia analítica junguiana: A construção da psique*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- UNODOC (2012). Relatório mundial sobre drogas 2012. Retirado de <http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2012/06/26-press-release-WDR-2012.html>
- Urrutigaray, Maria C. (2003). *Arteterapia: A transformação pessoal pelas imagens*. Rio de Janeiro: Wak.